
CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES

SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS

Secretaria de Saúde de Diadema
Rua Borges Lagoa, 1.341 – 1º andar – CEP: 04038-034 – São Paulo - SP
Rua Oriente Monti, 28 – 1º andar – CEP: 09910-250 – Diadema - SP
Tel.: (11) 4044-9752 / 4053-5263 E-mail: cebrid.unifesp@gmail.com
Website: www.cebrid.epm.br

Supervisão Geral: E. A. Carlini

Coordenação: Paulo E. Orlandi-Mattos

Colaboradores: Bruno M. Sato; Bianca A. Pereira; Isabela S. Chimini, Sabrina A. Pereira e Taíssa F. Lódi

MUNDO CÃO! MUNDO LOUCO

1. Krokodil: Parece mentira, mas é verdade! A nova droga assustadora que deixa ossos e músculos expostos

Krokodil: Russia's Designer Drug That Will Eat Your Flesh. Disponível em: <http://io9.com/585929/krokodil-russias-designer-drug-that-will-eat-your-flesh>.

Krokodil: Surge uma nova e devastadora droga. Disponível em: <http://nevesnews.com/?p=3336>. Acesso em 07/12/2911.

Uma droga de efeitos devastadores tem se espalhado pela Rússia. Ela recebeu este apelido, krokodil, devido às consequências comuns ao seu uso: pele em tom esverdeado e cheia de escamas, como a de um crocodilo. Além disso, ela provoca a necrose dos tecidos, expondo os ossos e músculos. O principal motivo do seu uso é substituir a heroína, porque possui efeitos semelhantes e é muito mais barata. Porém, enquanto os efeitos do uso de heroína podem durar de quatro a oito horas, os do krokodil duram no máximo uma hora e meia, com sintomas de abstinência logo depois e dor física insuportável que pode durar até um mês. E para aliviar essa dor, o usuário injeta a droga novamente. Devido a isso, a vida dele passa a ser produzir para consumir, e assim, geralmente não sobrevive mais que dois anos.

O produto químico por trás do Krokodil, desomorfina, é 8 a 10 vezes mais potentes do que a morfina e tem uma estrutura quase idêntica à heroína. A droga é feita a partir da codeína, um narcótico prontamente disponível na Rússia e comercializada sem a necessidade de receita médica. Na falta de materiais adequados, os usuários a produzem utilizando gasolina como solvente juntamente com o fósforo vermelho, iodo e ácido clorídrico. Este processo dura cerca de meia hora e o produto final impuro, um líquido alaranjado, é injetado por via intravenosa e acaba causando danos aos tecidos. A área onde o krokodil é injetado começa a gangrenar, até expor os músculos e ossos.

Em maio de 2011, um porta-voz do Ministério da Saúde da Rússia anunciou que havia um projeto que permitiria a venda da codeína apenas sob prescrição médica, mas essa medida ainda não foi tomada. Além disso, não é do interesse das farmácias que isso acabe, pois algumas delas têm 25% de seus lucros na venda desse medicamento. Para piorar a situação, há poucos sistemas de reabilitação na Rússia, que são na maioria baseados na religião, já que lá não tem nenhum patrocinado pelo Estado. Enquanto isso, casos de viciados que precisam de amputação, ou da limpeza de grandes áreas gangrenadas em seus corpos, são cada vez mais comuns em salas de emergência dos hospitais russos.

2. Droga vendida como sais de banho preocupa as autoridades

HealthDay News, Hallucinogens Legally sold as “bath salts” a New Threat; 04/02/ 2011

Online: <http://noticias.r7.com/saude/noticias/droga-vendida-como-sal-de-banho-tem-efeito-pior-do-que-cocaina-isd-e-ectasy-juntos-20110719.html>, publicado em 19/07/2011.

Uma droga estimulante com um inofensivo rótulo “sais de banho” tem alarmado médicos norte-americanos por seus efeitos. Através da embalagem de um produto para o corpo, a droga proibida entrou nos EUA há cerca de um ano e tem causado surtos de psicose e paranóia. Trata-se de uma mistura de substâncias jamais testada em humanos, cuja fórmula foi banida na maioria dos Estados norte-americanos, e que vem sendo ingerida (em comprimidos como o ecstasy ou cheirada em pó, como a cocaína).

Em 2010, a Associação Norte-Americana de Centros de Controle de Envenenamento (AAPCC, na sigla em inglês) registrou 303 pessoas atendidas em hospitais por contaminação pela droga. No primeiro semestre deste ano, o total subiu para 3.470.

O cientista Mark Ryan, PhD em Farmácia e diretor do Centro de Envenenamento de Louisiana, disse que o efeito é semelhante ao da mistura de cocaína, LSD, PCP e ecstasy.

Segundo os relatos, os usuários do produto têm sido levados aos pronto-socorros por comportamento violento, pressão sanguínea elevada, alucinações e crises paranóicas.

Em geral, a droga é fabricada com base em duas substâncias a metilendioxipirovalerona (MDPV) e a mefedrona. A primeira é uma substituta química da catinona, composto estimulante do khat, uma planta do norte da África cuja venda é ilegal nos EUA. No entanto, o khat é usado em vários países como base de defensivos agrícolas ou repelente de insetos.

Já a mefedrona é conhecida como “ecstasy alternativo” e é apresentada em forma de pó branco. Em muitos países, ela ainda é considerada um produto de uso medicinal e liberado só para manipulação farmacêutica.

Apesar das proibições nos 28 Estados, o acesso aos sais de banho é fácil no país. Pode ser encontrada na internet, em lojas de conveniência e até entre os verdadeiros sais de banho. Um pacote de 50 mg custa em média US\$ 30 (cerca de R\$ 60,00) e pode chegar a US\$ 100 (cerca de R\$ 200).

Mais informações científicas estão disponíveis em:

- Thomas, M; Penders, MD; Richard Gestring, MD. (2011). Hallucinatory delirium following use of MDPV: “Bath Salts”. *General Hospital Psychiatry*, 33, 525–526. Disponível em: www.sciencedirect.com.
- Hollander, BD; Rozov, S; Linden, AM et al. (2013). Long-term cognitive and neurochemical effects of “bath salt” designer drugs methyldone and mephedrone. *Pharmacology biochemistry and behavior*, 103, 501-509.
- Marusich, JA; Grant, KR; Blugh, BE; Wiley, JL. (2012). Effects of synthetic cathinones contained in “bath salts” on motor behavior and a functional observational battery in mice. *NeuroToxicology*, 33, 1305-1313.

ASPECTOS LEGAIS

3. Droga “miau miau”: o novo ecstasy

Este resumo se baseou em:

- Frutuoso, SG. O novo ecstasy. Istoé – Independente. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/60622_O+NOVO+ECSTASYO. Acesso em: 20/01/2013
- A Anvisa inclui mefedrona na lista de drogas ilícitas. FOLHA.com. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ciencia/2011/08/02/anvisa-inclui-mefedrona-na-lista-de-drogas-ilicitas.jhtm>. Acesso em: 11/01/2013
- A União Europeia aprova proibição total de droga similar ao ecstasy. FOLHA.com. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/840307-uniao-europeia-aprova-proibicao-total-de-droga-similar-ao-ecstasy.shtml>. Acesso em: 11/01/2013
- No Brasil, substância é chamada de “miau-miau” e vendida online. ESTADÃO.COM.BR/Vida. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,no-brasil-substancia-e-chamada-de-miau-miau-e-vendida-online,746750,0.htm>. Acesso em: 11/01/2013

A mefedrona, apelidada de “miau-miau” e “M-Cat” é uma substância sintética produzida até em laboratório caseiro; é um produto sintético que gera muito lucro. Produzida na China e em outros países, é vendida legalmente como fertilizante para plantas e sais de banho.

A mefedrona foi citada pela primeira vez como alucinógeno em 2006, num estudo do Projeto Psiconauta que reúne pesquisadores de sete países europeus para investigar a difusão das drogas via internet. Depoimentos sobre as sensações que uma nova substância causa e como comprá-la na web, surgiram real em computadores nos quatro cantos do planeta. Uma rapidez perigosa e com graves danos futuros. Em forma de pó branco ou amarelado, encapsulada ou em comprimido, junto com ketamina (anestésico veterinário que disfarça gosto e cheiro característicos da substância) a mefedrona é

misturada em chicletes, comidas e bebidas.

Segundo pesquisa realizada em Londres, entre os dois mil pesquisados, de 18 a 27 anos, foi a quarta citada (33%) como o tóxico mais consumido no mês anterior ao levantamento. Ficou atrás da maconha (54%), do ecstasy (48%) e da cocaína (47%). Ela provoca aumento do desejo sexual e euforia, mas tem sérios efeitos colaterais como: palpitação e perda de sensibilidade na ponta dos dedos – sinais de que a circulação sanguínea foi afetada, o que pode levar a infartos.

É provável que o uso crônico atinja a memória, a cognição e cause paranoias, náuseas, queimação na garganta, sede, sangramento do nariz, frio, distúrbio de sono e agressividade. Em sendo assim, em agosto de 2011 a Diretoria da Anvisa decidiu incluir a mefedrona na lista de substâncias proscritas.

A decisão partiu de pedido da Polícia Federal, devido à impossibilidade da apreensão da droga, por ela não constar como substância proibida pela ANVISA. Com isso, ela passa a ser considerada uma droga ilícita, assim como a maconha e a cocaína.

Mais informações científicas estão disponíveis em:

Winstock, AR; Mitcheson, Deluca, P; Davery, Z; Corazza, O. & Schifano, F. (2010). Mephedrone, new kid for the chop? *Society for the Study of Addiction*, 106, 154-161.

Varner, KJ; Daigle, K; Weed, PF; Lewis, PB; Mahne, SE; Sankaranarayanan, A; Winsauer, PJ. (2013). Comparison of the behavioral and cardiovascular effects of mephedrone with other drugs of abuse in rats. *Psychopharmacology*, 225, 675-685.

PREVENÇÃO

4. Drogas e Religião

Apresentamos na íntegra, o texto veiculado em várias mídias no Brasil e no exterior, em que Frei Betto comenta a palestra que fez no “*I Simpósio do Crack*” realizado pelo CEBRID – Departamento de Medicina Preventiva na Unifesp. Frei Betto. (2011). Drogas e Religião. *Correio brasileiro*. Disponível em: <https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/1/11/drogas-e-religião>. Acesso em: 27/04/2013.

Frei Betto é escritor, autor de “O vencedor” (Ática), romance sobre drogas, entre outros livros.

Participei em São Paulo, em dezembro último, do simpósio sobre crack promovido pelo

CebRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas).

Historicamente, o uso de alucinógenos e outros aditivos químicos teve início em rituais religiosos, como ainda hoje ocorre com a ayahuasca utilizada pelos adeptos do Santo Daime.

Na descrição que o evangelista Mateus fez do nascimento de Jesus consta que os reis magos (astrólogos?) levaram de presente ao Messias ouro, símbolo da realeza; incenso, símbolo da espiritualidade; e mirra, símbolo do profetismo.

O incenso, utilizado inicialmente no antigo Egito e extraído do tronco de árvores aromáticas, é uma “droga” que reduz a ansiedade e o apetite. Ao contrário do que muitos pensam, não é originário da Índia, e sim das montanhas do sul da Arábia Saudita e da Somália e Etiópia.

A mirra, originária da África tropical, é uma resina obtida dos arbustos do gênero Commiphora. Seus efeitos analgésicos se comparam aos da morfina. No Evangelho de Marcos, aparece mesclada ao vinho, oferecida a Jesus torturado antes de o crucificarem; ele rejeitou a bebida.

Hoje, as substâncias químicas obtidas de plantas superaram o âmbito religioso e terapêutico e se tornaram iscas à dependência química com suas nefastas consequências, como é o caso da coca, cuja folha é mascada pelos indígenas andinos para facilitar a respiração em regiões de oxigenação rarefeita.

Há ainda a produção de drogas sintéticas e o “doctor shopping”, o médico que produz poderosos analgésicos capazes de provocar a morte de seus pacientes, como foram os casos de Michael Jackson e Whitney Houston.

A repressão ao narcotráfico não mostra resultados satisfatórios. As famílias dos dependentes, desesperadas, buscam internações e terapias “miraculosas”.

Ora, médicos, remédios e terapias podem, sim, ajudar na recuperação de dependentes. O fundamental, porém, é o amor da família e dos amigos – o que não é nada fácil nessa sociedade consumista, individualista, na qual o “drogado” representa uma ameaça e um estorvo.

A religião, adotada em algumas comunidades terapêuticas, pode favorecer a recuperação, desde que infunda no dependente um novo sentido para a sua vida. Eis, aliás, o que evitou que a minha geração, aquela que tinha 20 anos na década de 1960, entrasse de cabeça nas drogas: éramos viciados em utopia. Nossa “viagem” era derrubar a ditadura e mudar o mundo.

Na questão das drogas há que distinguir segurança pública de saúde pública. Sou favorável à descriminalização dos usuários e penalização dos traficantes. Os usuários só deveriam ser afastados do convívio social quando forem uma ameaça à sociedade. Nesse caso, precisariam ser encaminhados a tratamento, e não a encarceramento.

A religião nos mergulha no universo onírico, pois nos faz emergir da realidade objetiva e nos introduz na esfera do transcendente, imprimindo sacralidade à nossa existência. Mais do que um catálogo de crenças, ela nos permite experimentar Deus, daí sua etimologia, nos religa com Aquele que nos criou e nos ama, e no qual haveremos de desembocar ao atingir o limite desta vida.

Ocorre que, graças ao neoliberalismo e seu nefasto “fim da história” – uma grave ofensa à esperança -, e às novas tecnologias eletrônicas, às quais transferimos o universo onírico, já quase não temos utopias libertárias nem o idealismo altruísta de um mundo melhor. Queremos melhorar a nossa vida, a de nossa família, não a do país e da humanidade.

Esse buraco no peito abre, nos jovens, o apetite às drogas. Todo “drogado” é um místico em potencial, alguém que descobriu o que deveria ser óbvio a todos; a felicidade está dentro e não fora da gente. O equívoco é buscá-la pela porta do absurdo e não a do Absoluto.

Um pouco mais de espiritualidade cultivada nas famílias, sobretudo em crianças e jovens, e não teríamos tanta vulnerabilidade à sedução das drogas.

Enfim, incenso faz bem à alma.

Frei Betto

Escritor e Frei Dominicano

PREVENÇÃO

5. Consumo de outros produtos do tabaco: o que os jovens estariam fumando?

Szklo, AS; Sampaio, MMA; Fernandes, EM; Almeida, LM. (2011). Perfil de consumo de outros produtos de tabaco fumado entre estudantes de três cidades brasileiras: há motivo de preocupação? *Caderno de Saúde Pública*, 27, 2271-2275.

No Brasil, os produtos de tabaco fumado, diferentes do cigarro industrializado utilizados com mais frequência, são: cigarro de cravo/Bali, cigarro enrolado à mão, cigarrilha, charuto, fumo de mascar, narguilé ou cigarro indiano/Bidi. Dados da Pesquisa Especial de Tabagismo (PETab) apontaram que a percepção da publicidade pró-tabaco por fumantes jovens, nos pontos de venda, é superior à verificada entre os adultos. Sugerindo, de certa forma, que há um esforço por parte da indústria do tabaco nas suas ações de promoção e propaganda de tais produtos para atingir os adolescentes.

Entre 1989 e 2008 foi constatado um decréscimo considerável da prevalência de fumantes de cigarros no Brasil em todos os estratos sociodemográficos. Segundo o Global Youth Tobacco Survey (2009), conhecido no Brasil como Vigilância de Tabagismo em Escolares (Vigescola), as prevalências de uso de outros produtos de tabaco fumado nos últimos 30 dias entre os escolares de 13 a 15 anos (entrevistados para esta pesquisa), foram elevadas em Campo Grande (18,3%) e São Paulo (22,1%). Esses patamares encontrados são de magnitudes semelhantes às verificadas entre os jovens de alguns países do Oriente Médio, com larga tradição de consumo de narguilé.

De acordo com a PETab, existem hoje no país cerca de 600 mil usuários de outros produtos de tabaco fumado, podendo estes serem adquiridos nos mesmos pontos de venda do cigarro. Nesse contexto, é possível que esteja havendo uma migração para o consumo de outros produtos derivados do tabaco fumado, como o narguilé, especialmente nas faixas mais jovens, em que ocorre a experimentação e/ou iniciação. Segundo o autor, apesar das evidências de que o narguilé seja tão nocivo para a saúde quanto o cigarro, há uma desinformação da população geral sobre os seus danos, o que faz o uso de tal produto ser visto dentro de uma perspectiva de socialização.

CEBRID

**CENTRO BRASILEIRO DE
INFORMAÇÕES**

SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS

Disponível online em: www.cebrid.epm.br

**Cadastre-se no nosso site para receber o
boletim**